



Organização: Alex Ungprateeb Flynn e Lúcia Rosa



APRESENTAÇÃO

por Lúcia Rosa | coletivo Dulcinéia Catadora

Este caderno foi montado para a realização de oficina por Dulcinéia Catadora em São Paulo, nos dias 7 e 8 de novembro de 2018, no encerramento do Encontro Internacional Cartonera, ocorrido na Cada do Povo, local que abrigou a exposição *Cartoneras: Releituras Latino-americanas*. Os textos compilados pelo coletivo são colaborações de amigos e dos colegas cartoneros presentes no Encontro, o que reforça a participação como elemento fundamental, agregador. As contribuições recebidas passam pelo poético, quase intimista e individual, incluindo crônicas, reportagens e ensaios escritos e publicados na premência da insatisfação, diante da situação crítica vivida no ambiente político brasileiro pós eleições presidenciais de 2018.

O medo e a incerteza levaram parte da população que não se viu representada nas propostas da candidatura de extrema direita e nos resultados das urnas, a se manifestar nas ruas, nas redes sociais, em decorrência da ameaça de perdas das conquistas sociais ocorridas nas últimas décadas, de onde identificamos e extraímos reflexões mais amplas, globais, que contextualizam os acontecimentos no nosso país, e referências aos tempos ditatoriais sombrios que tomaram o Brasil, entre outros países latino-americanos e que, passados cinquenta anos, continuam a nos assombrar com lembranças de dor e opressão.

Sim, a informação é um recurso essencial que, como cidadãos, temos o direito de obter e o dever de veicular, para gerar reflexão e opiniões que nos permitam firmar nossas posições em defesa da luta pela liberdade, justiça e igualdade.

A intenção é que, ao ser disponibilizado no meio digital, BR chegue a cartoneras não presentes no Encontro, espalhadas pelo mundo. Este é o propósito do presente caderno: dar acesso a quem quiser publicá-lo, apesar de reconhecer os limites de seu alcance, impostos pela língua. A nós, cartoneras, cabe nos organizarmos e, para além de iniciativas pontuais e restritas aos nossos pequenos círculos de leitores, atuarmos como um grande e verdadeiro movimento, capaz de ações contundentes.

A própria oficina dada no encerramento do Encontro se constitui como um ato de resistência, um registro. Trata-se de uma fala coletiva que toma o livro cartonero como instrumento em sua plena potência de livre circulação e divulgação de ideias.

CARTONERAS EM DEFESA DE PLURALIDADE

por Alex Ungprateeb Flynn, Patrick O'Hare, Lucy Bell

Cartonera nasceu da crise. O colapso econômico argentino de 2001 desempregou milhões de pessoas e levou milhares às ruas, onde foram trabalhar como cartoneros – catadores, em busca de um meio para garantir condições básicas de subsistência para si e suas famílias. Um serviço especial de transporte ferroviário, conhecido como o “Tren Blanco”, foi criado para deslocar cartoneros do centro de Buenos Aires às periferias: um serviço que funcionava fora de horários regulares, sem assentos e sem luz, sinalizando a invisibilidade daqueles que se encontravam à margem.

Neste contexto, Washington Cucurto, escritor, e Javier Barilaro, artista, buscaram criar uma editora. Diante de contas bancárias congeladas e da impossibilidade de adquirir financiamento, iniciaram com Fernanda Laguna uma parceria para fundar Eloísa Cartonera: um projeto editorial cuja iniciativa era vender livros a preços risíveis, encadernados com capas pintadas a mão feitas do papelão coletado das ruas, trazido diretamente da vizinhança na qual Eloísa estava localizada.

O papelão, produto industrial descartado, evidencia sua materialidade única, que transpassa barreiras literais e metafóricas da desigualdade social em sua trajetória da reciclagem ao reuso. No ateliê cartonero, o movimento da cidade atravessa os livros que são ali produzidos: é difícil não notar como a estética daquilo que a editora publica já está presente no espaço em que ela está situada.

O local de trabalho do Dulcinéia Catadora, a Cooperativa de Reciclagem do Glicério, em São Paulo, ecoa presentemente nos livros que produz: Estênceis recortados à mão, logotipos e marcações de identificação dos produtos contidos em caixas de papelão recolhidas pelos cooperados são recorrentes no processo gráfico, mantêm-se visíveis, integrando a composição das pinturas das capas dos livros do coletivo. Deste modo, a operação em Dulcinéia aponta não para um tipo de representação estética que imita a rua, mas para uma apropriação que se manifesta pelo reuso. Esse mesmo entrelaçamento se faz presente em cada etapa da produção e ressalta como as dinâmicas sociais das editoras cartoneras estão intrinsecamente ligadas à estética do meio ao qual pertencem. Desse cruzamento entre as cartoneras e a rua cria-se a razão de uma circulação: um movimento que não corresponde apenas a algo que acontece na cidade, mas àquilo que constitui a cidade em si.

Do bairro de La Boca, em Buenos Aires, as cartoneras percorreram o mundo, com mais de 250 editoras sendo criadas em menos de vinte anos, desde países da América Latina e Europa, a Moçambique, China e Coréia. Mas afinal, que tipo de fenômeno é esse? Quais propostas sociais lança? Como tal gesto artístico nascido da crise - o reuso, apropriado em diferentes contextos, transforma-se em uma ferramenta de leitura de mundos tão singulares? Como o papelão, material de baixo valor, torna-se veículo de tamanho potencial? Olhando a produção de cartoneras na

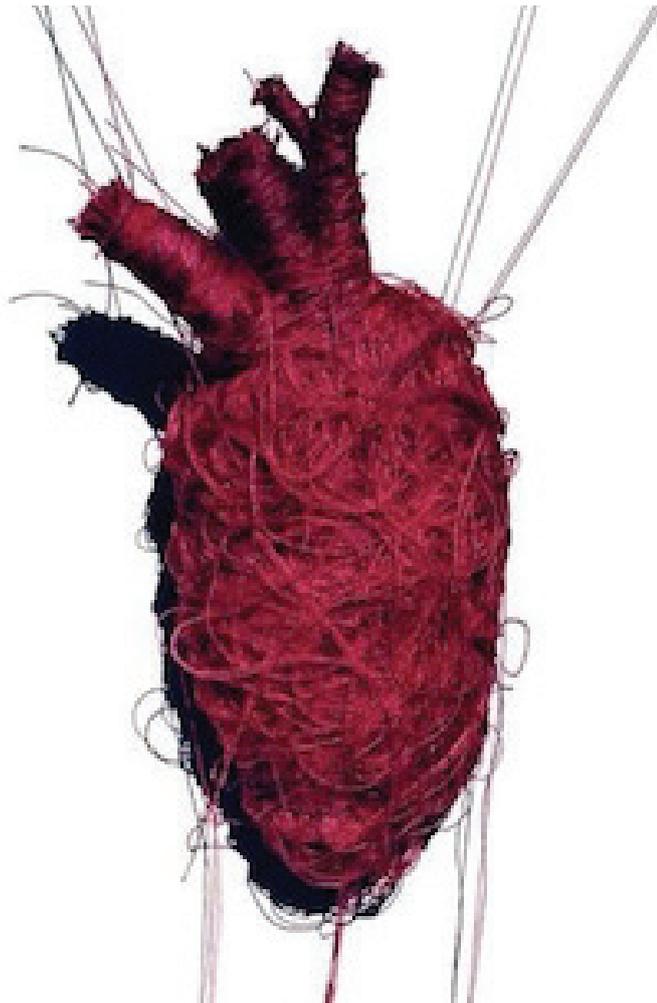
América Latina e além, percebemos que elas remetem a um tipo particular de revolução, silenciosa e aguda, que revela a urgência da existência, sobretudo no Brasil atual.

Ao oferecer um livro por uma fração do preço de venda dos livros encontrados nas livrarias, ao criar espaços de trânsito que perfuram as barreiras físicas e simbólicas, ao envolver diversas comunidades não apenas pela leitura, mas também pela produção literária, as cartoneras trazem a ideia de que aquilo que está presente nas fissuras de uma sociedade de consumo edifica as próprias narrativas do contemporâneo.

As cartoneras, tanto em suas formas sociais - redes de trabalho, estruturas, organização - quanto em suas formas estéticas - desenhos, formatos, gêneros literários - , deixam em aberta uma gama de modos para se auto-organizar e produzir. Dessa prática múltipla, que surge da indissociação entre social e estético, abrem-se espaços comunitários referentes ao encontro, à exposição, à oficina, à coedição. Construídas num modelo de processo em aberto, as editoras cartoneras criam uma dinâmica intersubjetiva, oferecida por seus praticantes para a compreensão de seus próprios contextos: radicadas no relacional, as cartoneras enunciam o possível em uma temporalidade que antecede aquela em que a realidade já se desfez.

Estamos vivendo tempos de intolerância, de discursos que estão baseados em ódio e violência, que legitimam uma repressão da comunidade LGBTQI+, do povo indígena, dos militantes sindicalistas e das esquerdas, dos movimentos feministas, sem terra, sem teto, meio-ambientais, do movimento negro, e dos povos periféricos. Essa ascensão de um populismo da extrema direita pede um processo auto-reflexivo de todos os atores progressistas na arena política. O livro e a literatura surgem nesse contexto como ferramentas para pensarmos alternativas diante dessa situação perigosa. Nas eleições brasileiras de 2018, muitas pessoas postaram fotos antes de votar, segurando um livro que tinha inspirado seu pensamento político. A publicação da tese de Marielle Franco em forma de livro deixa claro que não há como silenciar sua voz e pensamento, apesar da violência que ela e tantos outros sofreram.

Cartonera veio de uma situação da instabilidade política, econômica, e social. A autonomia das editoras cartoneras continua a possibilitar respostas espontâneas e imediatas. O poder de reunir pessoas de formações diversas, presencialmente, numa prática cotidiana e comunitária, oferece maneiras alternativas para consolidar e defender um mundo que valoriza a pluralidade, o meio-ambiente, a atenção e o cuidado mútuos.



Adrianna Eu é artista plástica e vive no Rio de Janeiro.

A ERA DO HUMANISMO ESTÁ TERMINANDO

por Achille Mbembe

Não há sinais de que 2017 seja muito diferente de 2016.

Sob a ocupação israelense por décadas, Gaza continuará a ser a maior prisão a céu aberto do mundo.

Nos Estados Unidos, o assassinato de negros pela polícia continuará ininterruptamente e mais centenas de milhares se juntarão aos que já estão alojados no complexo industrial-carcerário que foi instalado após a escravidão das plantações e as leis de Jim Crow.

A Europa continuará sua lenta descida ao autoritarismo liberal ou o que o teórico cultural Stuart Hall chamou de populismo autoritário. Apesar dos complexos acordos alcançados nos fóruns internacionais, a destruição ecológica da Terra continuará e a guerra contra o terror se converterá cada vez mais em uma guerra de extermínio entre as várias formas de niilismo.

As desigualdades continuarão a crescer em todo o mundo. Mas, longe de alimentar um ciclo renovado de lutas de classe, os conflitos sociais tomarão cada vez mais a forma de racismo, ultranacionalismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortais.

A difamação de virtudes como o cuidado, a compaixão e a generosidade vai de mãos dadas com a crença, especialmente entre os pobres, de que ganhar é a única coisa que importa e de que ganhar – por qualquer meio necessário – é, em última instância, a coisa certa.

Com o triunfo desta aproximação neodarwiniana para fazer história, o apartheid, sob diversas modulações, será restaurado como a nova velha norma. Sua restauração abrirá caminho para novos impulsos separatistas, para a construção de mais muros, para a militarização de mais fronteiras, para formas mortais de policiamento, para guerras mais assimétricas, para alianças quebradas e para inúmeras divisões internas, inclusive em democracias estabelecidas.

Nenhuma das alternativas acima é acidental. Em qualquer caso, é um sintoma de mudanças estruturais, mudanças que se farão cada vez mais evidentes à medida que o novo século se desenrolar. O mundo como o conhecemos desde o final da Segunda Guerra Mundial, com os longos anos da descolonização, a Guerra Fria e a derrota do comunismo, esse mundo acabou.

Outro longo e mortal jogo começou. O principal choque da primeira metade do século XXI não será entre religiões ou civilizações. Será entre a democracia liberal e o capitalismo neoliberal, entre o governo das finanças e o governo do povo, entre o humanismo e o niilismo.

O capitalismo e a democracia liberal triunfaram sobre o fascismo em 1945 e sobre o comunismo no começo dos anos 1990 com a queda da União Soviética. Com a dissolução da União Soviética e o advento da globalização, seus destinos foram desenredados. A crescente bifurcação entre a democracia e o capital é a

nova ameaça para a civilização.

Apoiado pelo poder tecnológico e militar, o capital financeiro conseguiu sua hegemonia sobre o mundo mediante a anexação do núcleo dos desejos humanos e, no processo, transformando-se ele mesmo na primeira teologia secular global. Combinando os atributos de uma tecnologia e uma religião, ela se baseava em dogmas inquestionáveis que as formas modernas de capitalismo compartilharam relutantemente com a democracia desde o período do pós-guerra – a liberdade individual, a competição no mercado e a regra da mercadoria e da propriedade, o culto à ciência, à tecnologia e à razão.

Cada um destes artigos de fé está sob ameaça. Em seu núcleo, a democracia liberal não é compatível com a lógica interna do capitalismo financeiro. É provável que o choque entre estas duas ideias e princípios seja o acontecimento mais significativo da paisagem política da primeira metade do século XXI, uma paisagem formada menos pela regra da razão do que pela liberação geral de paixões, emoções e afetos.

Nesta nova paisagem, o conhecimento será definido como conhecimento para o mercado. O próprio mercado será re-imaginado como o mecanismo principal para a validação da verdade. Como os mercados estão se transformam cada vez mais em estruturas e tecnologias algorítmicas, o único conhecimento útil será algorítmico. Em vez de pessoas com corpo, história e carne, inferências estatísticas serão tudo o que conta. As estatísticas e outros dados importantes serão derivados principalmente da computação. Como resultado da confusão de conhecimento, tecnologia e mercados, o desprezo se estenderá a qualquer pessoa que não tiver nada para vender.

A noção humanística e iluminista do sujeito racional capaz de deliberação e escolha será substituída pela do consumidor conscientemente deliberante e eleitor. Já em construção, um novo tipo de vontade humana triunfará. Este não será o indivíduo liberal que, não faz muito tempo, acreditamos que poderia ser o tema da democracia. O novo ser humano será constituído através e dentro das tecnologias digitais e dos meios computacionais.

A era computacional – a era do Facebook, Instagram, Twitter – é dominada pela ideia de que há quadros negros limpos no inconsciente. As formas dos novos meios não só levantaram a tampa que as eras culturais anteriores colocaram sobre o inconsciente, mas se converteram nas novas infraestruturas do inconsciente. Ontem, a sociabilidade humana consistia em manter os limites sobre o inconsciente. Pois produzir o social significava exercer vigilância sobre nós mesmos, ou delegar a autoridades específicas o direito de fazer cumprir tal vigilância. A isto se chamava de repressão.

A principal função da repressão era estabelecer as condições para a sublimação. Nem todos os desejos podem ser realizados. Nem tudo pode ser dito ou feito. A capacidade de limitar-se a si mesmo era a essência da própria liberdade e da liberdade de todos. Em parte graças às formas dos novos meios e à era pós-repressiva que desencadearam, o inconsciente pode agora vagar livremente. A sublimação já não é mais necessária. A linguagem se deslocou. O conteúdo está na forma e a forma está além, ou excedendo o conteúdo. Agora somos levados a acreditar que a mediação já não é necessária.

Isso explica a crescente posição anti-humanista que agora anda de mãos

dadas com um desprezo geral pela democracia. Chamar esta fase da nossa história de fascista poderia ser enganoso, a menos que por fascismo estejamos nos referindo à normalização de um estado social da guerra. Tal estado seria em si mesmo um paradoxo, pois, em todo caso, a guerra leva à dissolução do social. No entanto, sob as condições do capitalismo neoliberal, a política se converterá em uma guerra mal sublimada. Esta será uma guerra de classe que nega sua própria natureza: uma guerra contra os pobres, uma guerra racial contra as minorias, uma guerra de gênero contra as mulheres, uma guerra religiosa contra os muçulmanos, uma guerra contra os deficientes.

O capitalismo neoliberal deixou em sua esteira uma multidão de sujeitos destruídos, muitos dos quais estão profundamente convencidos de que seu futuro imediato será uma exposição contínua à violência e à ameaça existencial. Eles anseiam genuinamente um retorno a certo sentimento de certeza – o sagrado, a hierarquia, a religião e a tradição. Eles acreditam que as nações se transformaram em algo como pântanos que necessitam ser drenados e que o mundo tal como é deve ser levado ao fim. Para que isto aconteça, tudo deve ser limpo. Eles estão convencidos de que só podem se salvar em uma luta violenta para restaurar sua masculinidade, cuja perda atribuem aos mais fracos dentre eles, aos fracos em que não querem se transformar.

Neste contexto, os empreendedores políticos de maior sucesso serão aqueles que falarem de maneira convincente aos perdedores, aos homens e mulheres destruídos pela globalização e pelas suas identidades arruinadas.

A política se converterá na luta de rua e a razão não importará. Nem os fatos. A política voltará a ser um assunto de sobrevivência brutal em um ambiente ultra-competitivo.

Sob tais condições, o futuro da política de massas de esquerda, progressista e orientada para o futuro, é muito incerto. Em um mundo centrado na objetivação de todos e de todo ser vivo em nome do lucro, a eliminação da política pelo capital é a ameaça real. A transformação da política em negócio coloca o risco da eliminação da própria possibilidade da política.

Se a civilização pode dar lugar a alguma forma de vida política, este é o problema do século XXI.

Achille Mbembe (1957, Camarões francês) é historiador, pensador pós-colonial e cientista político; estudou na França na década de 1980 e depois ensinou na África (África do Sul, Senegal) e Estados Unidos. Atualmente, ensina no Wits Institute for Social and Economic Research (Universidade de Witwatersrand, África do Sul). Ele publicou *Les Jeunes et l'ordre politique en Afrique noire* (1985), *La naissance du maquis dans le Sud-Cameroun. 1920-1960: histoire des usages de la raison en colonie* (1996), *De la Postcolonie, essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine* (2000), *Du gouvernement prive indirect* (2000), *Sortir de la grande nuit – Essai sur l'Afrique décolonisée* (2010), *Critique de la raison nègre* (2013). Seu novo livro, *The Politics of Enmity*, será publicado pela Duke University Press neste ano de 2017.

O artigo foi publicado, originalmente, em inglês, no dia 22-12-2016, no sítio do Mail & Guardian, da África do Sul, sob o título “The age of humanism is ending” e traduzido para o espanhol e publicado por Contemporeafilosofia.blogspot.com, 31-12-2016. A tradução é de André Langer.

VERÁS QUE UM FILHO TEU NÃO FOGE À LUTA

por Ana D'Angelo

Aqui recolhida nesta sofisticada arte do escrever, caneta, bloquinho, pouca luz no quarto dos fundos. Que bobagem, somos quarenta e poucos milhões com medo, sessenta milhões de corajosos e uns quinze em cima do muro, com medo também. Corajosos, o que vocês leram? Onde passaram a infância? Como era a mãe de vocês? Quais filmes os formaram? E as paisagens? Medrosos, o que vamos falar com nossos filhos? Para onde vamos escrever? Migrando do Face para o Signal estaremos todos seguros? Se todos segurarmos uns nos outros sobreviveremos? Se ter coragem é agir com o coração, por que tememos? Esse xadrez não pode nos encurralar.

Perdemos gente no caminho. Estamos todos perdidos com os celulares e máquinas de fake news. Eduque seu filho para o mundo digital, me alerta a amiga, a luta será longa. Já tinha pensando em corte, costura, cozinha, autonomia para os novos tempos. Mas como preparar para o teatro de horrores, o cinismo, a desfaçatez e o completo desprezo pelo diferente? A macropolítica penetrou nossos poros, jantares, festas de aniversário, nosso blábláblá tão inteligente virou pó. Seguimos acordando, um pouco ressabiados com nossos símbolos, desconfiando das redes sociais, ávidos por um sinal qualquer que aponte para onde vai a manada. Cada vez mais fechados na nossa bolha, crendo em análises certeiras aliviadoras de peles privilegiadas. Por que o Capão Redondo votou contra a democracia? Mano Brown deu a letra dissonante, dias antes do Dia B. O que estamos comemorando? Deu ruim gente, falhou, o povo não tá se vendo, recuar, voltar pras bases, refletir, recolher-se. Resistir também consiste nisso. Um aprendizado duro fora do armário e sem máscara. A luta do nosso tempo, felizmente, apontou nossos aliados. Perdemos gente no caminho, de novo. Encontramos outros. Quem vai defender o Túlio, lá em São João Del Rei, se num jantar com o companheiro encontrar ao lado alguém legitimado pelo líder a ofender, humilhar, desprezar o que lhe é diferente? Leve-me ao seu líder. Ai que vergonha, diz a formiga do meme. Me ensina a viver num país onde o líder não me representa uma mísera vírgula. Ele já adiantou que nosso lugar é cadeia ou exílio. Dorme e acorda com essa informação, mano. Amealhamos nossos sonhos, escalamos nosso esquete, veio o vendaval e nenhuma perspectiva de bonança. Cadê certeza de que palavra e sentimento terão valor? Onde enfiar tanto repertório amoroso se não conseguimos ainda um olho no olho dos nulos e brancos? It's a long way já cantava Caetano no espetacular álbum gravado no exílio em Londres. Se Adélia Prado for chamada a colaborar, com Seu Ensino, com certeza dirá: não me falou em democracia, essa palavra de luxo.

Ana d'Angelo é jornalista, foi integrante do Dulcinéia Catadora entre 2011 e 2013, escreveu a tese de mestrado "Redes de Comunicação no coletivo Dulcinéia Catadora e o arte ativismo do convívio".

FASCÍNIO E NÃO FASCISMO...

por Carlos Pessoa Rosa

A história nos mostra que, apesar de toda evolução tecnológica, o humano ainda vive seus fantasmas relacionados com o corpo, este compreendido não apenas enquanto estrutura e funções fisiológicas, mas também no modo como a sociedade nega as possibilidades instintivas de infinitas práticas na direção do prazer e, portanto, do exercício de seu conhecimento.

O uso do corpo, dada a diversidade biológica, deveria ser consequência de uma demanda pessoal, não de uma normatização da sociedade, representada pelo Estado. Entretanto, a realidade posta pela moral é a de uma sociedade que padroniza o que deve ser considerado normal, o ato entre quatro paredes, onde o pênis adentra uma vagina, nunca a vagina a sugar um pênis, ação entre um genótipo masculino, ativo, e outro feminino, passivo, com o objetivo de procriação, mantendo-se na clandestinidade ou, se quiserem, na invisibilidade hipocritamente suportada dos bordéis e dos motéis, qualquer outro tipo de relacionamento.

Tal padronização de comportamento baseada na estrutura familiar como conhecida até aqui, em certo sentido, ao transformar a potência reprimida em força geradora de produtividade, serve até hoje ao Estado, tendo sido repassado à igreja o papel moderador de possíveis sentimentos de culpa que tais comportamentos afloram. Paga-se com o dízimo ou com a automutilação o direito ao perdão. Joga-se a intolerância social relacionada ao corpo para as casas de tolerância, simples assim.

Na história recente, passamos por vários movimentos sociais de resistência, em intensidades diferentes e crescentes, que questionam qualquer tipo de intolerância, com o Estado assumindo entonações variáveis de enfrentamento, ora mais permissivas, ora mais violentas, como acontece agora com o bolsonarismo que, ao apropriar-se do “falo” enquanto fala, centraliza conceitos e práticas, com forte controle autocrático, estimulando a intolerância e o ódio, instrumentos facilitadores, pelo menos durante algum tempo, de governabilidade.

Temos assistido nos últimos anos à participação de amplos segmentos da sociedade que eram mantidos de modo perverso na clandestinidade e que clamam pelo respeito aos seus direitos enquanto potência de diversidade, sem os preconceitos enraizados e mantidos pela sociedade apesar dos conhecimentos que foram acrescentados pela ciência. Não é tarefa fácil! O submergir do demonizado há séculos gera inseintolerâncias, outras minorias são pisoteadas, são os pobres, os afrodescendentes, os portadores de necessidades especiais, ou qualquer outra minoria que ouse levantar a voz a clamar por participação social e ocupação dos espaços que também lhes pertencem. Hipocritamente, o Estado deseja esses corpos na invisibilidade tolerável e perversa.

Tal idiotia, para não dizer psicose por dar o sentido de insânia, o que não é o caso - os idiotas agem com consciência, portanto, são responsáveis por suas opiniões e atos -, permite que um sujeito, claramente despreparado e desprovido do sensível, instrumentalize sentimentos em proveito próprio e de grupos interessados, em detrimento das minorias que são perseguidas como animais. Enquanto o coro

persegue a caça, à sucata, dilapida-se o Estado.

Logicamente, o corpo não é o único alvo do Estado todo poderoso. A rodo, vão outras intolerâncias, outras minorias são pisoteadas, são os pobres, os afrodescendentes, os portadores de necessidades especiais, ou qualquer outra minoria que ouse levantar a voz a clamar por participação social e ocupação dos espaços que também lhes pertencem. Hipocritamente, o Estado deseja esses corpos na invisibilidade tolerável e perversa.

A defesa da pluralidade deve ser posta enquanto resistência a qualquer idiotice, seja pelos direitos individuais de manifestação e posição, seja em defesa do humano, do direito de ir e vir, de sobreviver. A cada provocação reacionária e antidemocrática, cabe à arte dar transparência à hipocrisia social através do exercício do sensível, da poética. Nenhum filho da lucidez deve fugir à luta, seu instrumento não será o falocêntrico estéril, impostor e manipulador, mas o compartilhamento responsável e democrático na direção da pluralidade. Fascínio e não fascismo...

Carlos Pessoa Rosa é médico e escritor. Publicou por Dulcinéia Catadora Não Sei Não (2007) e Sobre o Nome Dado (2009).

CARTA-MANIFESTO PELA DEMOCRACIA

Somos artistas, intelectuais e profissionais de várias áreas, que temos nos manifestado conjuntamente pela defesa da democracia desde 2015 e que, agora, nos colocamos ao lado das recentes iniciativas contra o recrudescimento da onda de ódio, intolerância e violência à livre expressão nas artes e na educação. Ódio, intolerância e violência que já vêm sendo impressos há tempos contra mulheres, homossexuais, negros e índios.

Somos radicalmente a favor da liberdade de expressão e circulação de ideias, crenças, informações e expressões artísticas. E evidentemente, acreditamos no livre debate de todas essas expressões.

Achamos, todavia, que é preciso nomear os focos de ataque às liberdades. Ficou evidente que militantes de direita, segmentos de igrejas neopentecostais, alguns políticos de grande responsabilidade pública – e sem espírito republicano –, membros da burocracia de estado no judiciário, da polícia e do Ministério Público estão atuando em conjunto contra produções e instituições artísticas. Eles censuram exposições, assediam os visitantes e funcionários dos museus e usam de redes sociais para deturpar e ultrajar pessoas das quais discordam. Arrogantes, tais fundamentalistas evitam a leitura mais atenta dos trabalhos e saem à caça de indícios de indecência, leviandade, pornografia e heresia. Não há debate intelectual, não há questionamento, só violência e intolerância.

Foi assim que milícias reacionárias e antidemocráticas conseguiram provocar de maneira abrupta o encerramento da exposição Queermuseu, no Santander Cultural, de Porto Alegre (RS). Em setembro, a polícia retirou a pintura Pedofilia, de Alessandra Cunha, do Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande (MS); depois a justiça proibiu a apresentação da peça O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu, no Sesc de Jundiaí (SP). Vale lembrar ainda que as mesmas milícias iniciaram uma campanha contra o Panorama da Arte Brasileira do MAM-SP, por conta da performance La Bête, de Wagner Schwartz, com apoio irresponsável do prefeito de São Paulo, João Doria. E uma horda de fanáticos liderados pelo deputado João Leite tentou invadir o Palácio das Artes, em Belo Horizonte (MG), e destruir a produção de Pedro Moraleida.

Acreditamos também que não se trata de um ataque específico à produção artística. Mas trata-se de um fenômeno que começou a brotar em 2010 como oposição ao Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH 3); e que cresceu e foi adubado durante o processo de deposição da presidenta eleita Dilma Rousseff.

É óbvio que nem todos que foram a favor do impeachment sejam dessa linhagem antidemocrática. Mas estavam lá em peso os ativistas e agentes públicos arquiconservadores estrangendo pessoas de pensamento diverso. Eles que distribuíram adesivos para serem colados em tampas de tanque de combustível com a figura da presidenta em um contexto sexista, misógino e constrangedor; eles que atacaram políticos e militantes de esquerda em aviões, restaurantes e até em ambientes sensíveis como hospitais e velórios, eles que bateram e ameaçaram quem se vestia de vermelho.

Depois de consumado o impeachment – bem nomeado, um golpe parlamentar com a compra de votos de deputados capitaneada por Eduardo Cunha – passaram a subtrair ou tentar retirar um número significativo de conquistas obtidas pelos brasileiros a partir da Constituição de 1988. É assim que estão dia a dia limitando os direitos individuais, civis e sociais no Brasil, precarizando as condições de trabalho, ameaçando a liberdade de ensino nas escolas, a proteção ao meio-ambiente, a união de pessoas do mesmo sexo etc. Esse é o conjunto da obra que resulta do golpe de Estado.

Agora, o que necessitamos é ampliar ao máximo, acima de opções partidárias, ideológicas e religiosas, todas as forças democráticas para fazer frente, nas ruas, nas casas legislativas, nos tribunais e nos meios de comunicação disponíveis, às ameaças concretas às liberdades e conquistas sociais. Propomos a articulação de grupos, entre amigos e familiares, entre colegas de profissão para a organização de atos públicos e de ação nas redes sociais para defender e aprofundar o direito a um ambiente de livre circulação de ideias, e denunciar aqueles que querem ver o Brasil sem democracia.

Essa carta-manifesto é uma resposta à escalada da extrema direita contra os direitos individuais, civis e sociais.

AOS POVOS DA TERRA

por Edmario Jobat

A hecatombe aconteceu diferentemente do alimentado e previsto. Ocorreu na consciência. Este sempre foi o grande temor: de que o humano se restaurasse. As chaminés materializaram os sonhos infernais e figuras como o Diabo perderam-se no esquecimento. O consumo consumiu as pessoas. A corrupção alimentava-se da inércia mental das sociedades. A divindade banalizou-se por ser omissa, conivente e conveniente com os atos praticados e mantidos em honra de Seu Santo Nome. Os templos eram monumentos dedicados ao mofo, pois o respirar das preces foi-se diante do compreendido além das paixões. O movimento parou, os versos das palavras perderam o sentido. A poesia abandonara o Universo. Insuportável e cáustica era a vida, ou melhor, o que se restou dela.

Os humanos pareciam animais de engorda, alimentados, consumidos e ceifados. Diante do espantoso mundo velho, travestido de novo, as classes sumiram e se polarizaram. Eram muitos escravos e poucos senhores nos novos engenhos. As flores eram artificiais e exalavam cheiros plásticos, algo bem distante das flores dos campos e dos jardins das senhoras jardineiras, que encantavam o mundo com seus floridos canteiros, convidando pássaros, abelhas e pequeninos seres a deleitarem-se no néctar da Vida que despertava a cada Aurora. O tempo morria. As pessoas eram autômatas e seus corpos transgênicos eram de longe o que já foram um dia. Proibido era pensar. Todavia, o raiar surgirá irreversivelmente no primeiro grito do renascer da Consciência. Todos serão convocados tendo o espelho como Juiz. Será a gestação do Tempo do Humano Ser e a tecnologia estará a serviço dele. As distâncias e limites perderão sentido, já que estavam apenas em nossas mentes. Andrômeda deixará de ser tão longínqua, pois assim como nós é basicamente energia e informação. É sua vibração que a faz diversa de nosso mundo. Contudo, somos iguais como numa ciranda. O Verso estará em cada expressão humana, visto que o Ser é Poesia, sempre foi. O medo se diluirá como açúcar de engenho nos rios do viver. A moeda será o Sorriso que dará a cada ato a Prosperidade tão desejada.

O Abraço acabará com as guerras, uma vez que diante do Calor que brota do Sentimento - a mais potente das armas frias das engenharias humanas será transcendida e sucumbirá - e a Paz repousa em seus próprios braços. Os humanos compreenderão que são Flores do Jardim chamado Vida, cujo canteiro é o Universo. Seremos Odores, Cores e Sabores. Seremos a própria Existência que nos enriquece com a Diversidade Humana das falas, desejos e necessidades. Seremos lírios dos campos. Libertar-nos-emos das horas e convenções. Eis o Tempo do Humano Ser. Seremos nossos próprios templos.

Goyanna, PE, 23 de julho de 2012.

FILME SEM SOM

por Fabio Melo

Filme sem som. No dia seguinte estávamos destituídos das armas quais eram nossas palavras e fé. Fez riscar-se no chão de nossa consciência o lado de cá.

Nós, os do lado de cá. Aqueles que estão tendo de reaprender que a vigília não cessa. Olhamos do lado de cá através da vitrine. Do lado de lá o banquete.

E são ferozes porque têm medo. Nós, os do lado de cá, nos realinharemos.

Perdemos e perderemos mais. E eles serão muitos mas não serão todos. Do lado de cá as mãos que querem empurrar e acelerar a roda da história. O Brasil é como um Édipo que se nega a furar os olhos. Nós, os do lado de cá, que assistimos a esse filme sem som onde explodem gritos de ecos que ainda estão por vir. É lá. Esse dia seguinte sem nome ainda. Sem hora marcada. É o lugar da coisa incerta que tem um começo mas não seu fim.

E a história.

Sempre ela. Caprichosa. Nos olha e sorri. A seguiremos pela crença. E quando chegarmos lá nós, os do lado de cá, teremos certeza de que sempre estivemos do lado certo.

Fábio Melo. Dramaturgo. Graduando em História pela Universidade Federal de São Paulo. Nasceu em Óbidos-PA, hoje radicado em São Paulo onde atua como artista independente.

NÃO ESTAMOS EM 1964

por Fausto Salvadori

Não estamos em 1964.

Muita gente à minha volta está crente de que nos próximos meses veremos tanques avançando na Praça dos Três Poderes, a dissolução do Congresso e o Supremo Tribunal Federal fechado por um cabo e um sargento. Tem amigos que já se imaginam pendurados no pau-de-arara de um Doi-Codi recriado especialmente para caçar os autores de textões subversivos no Facebook e outros que trocaram o Whatsapp pelo Signal por terem certeza de que o novo governo estará de olho em todos os nudes que andou distribuindo por aí.

Acho que não é por aí. Não estamos em 1964. Provavelmente não voltaremos a estar.

Esses não são temores que vieram do nada, é claro. Acabamos de eleger um defensor entusiasmado da ditadura militar, acompanhado por um vice que durante a campanha eleitoral defendeu a possibilidade de um autogolpe de Estado. Sim, Bolsonaro é motivo de sobra para ter medo. E eu mesmo tenho muito. Mas eu começo a me perguntar se o medo de rompimento institucional que rondou a sua candidatura não acabou funcionando como uma cortina de fumaça que desviou a atenção para as outras ameaçadas envolvidas em seu projeto político, que podem ser aplicadas sem romper com as regras formais da democracia.

Veja como Bolsonaro conseguiu fazer de sua cerimônia de vitória um evento positivo. Havia tanto temor que o capitão estivesse preparando um golpe de Estado que, quando ele tirou do bolso um discurso claramente protocolar, em que afirmava compromisso com as liberdades, a defesa da democracia e a Constituição, itens que deveriam ser o feijão-com-arroz de qualquer político eleito, isso foi recebido pela opinião pública com o entusiasmo de uma revelação. Foi destaque em todas as manchetes. “Jura defender democracia e liberdade”, saudou o Globo. No Estadão: “promete defender reformas, liberdades e democracia”. E a Folha destacou que o presidente eleito “promete respeitar a Constituição”.

Se a lógica da notícia é destacar o inusitado, o homem que morde o cachorro, é muito louco imaginar que a gente tenha chegado a um ponto em que os jornais considerem notícia que um presidente eleito prometa respeitar a Constituição. E não é que Bolsonaro conseguiu transformar sua fama de autoritário num fato positivo? É como se todos tivessem ficado tão aliviados por ele não ter anunciado a criação de pelotões de fuzilamento logo em seu primeiro pronunciamento que deixaram de destacar outros fatos bem mais sinistros, como a oração que o presidente de um Estado supostamente laico fez questão de fazer ao vivo, de mãos dadas com um pastor-parlamentar acusado de promover cruzadas morais à custa de falsas acusações de pedofilia, ou o fato de ter exibido em sua mesa, ao lado da Bíblia, um livro do ideólogo embusteiro Olavo de Carvalho.

É o que me leva a perguntar até que ponto parte dos sinais, fortes sinais que

apontavam riscos de um golpe de Estado não tenham sido deliberadamente plantados por Bolsonaro como uma forma de testar os limites da opinião pública, usando a técnica de nos assustar com o que é absurdo-para-caralho para no final nos detonar com o que é apenas absurdo. É o que Bolsonaro parece estar fazendo agora, por exemplo, com a proposta de redução da maioria penal: o presidente fala em reduzir para 14 anos, o que é tão absurdo e assustador que, se ao final de muitos protestos, choro e ranger de dentes, o Congresso aprovar “apenas” uma redução para 17 anos, não parecerá tão ruim.

Acho que erramos feio ao subestimar a inteligência dessa extrema direita. Sim, as suas pautas mais chamativas são burras, mas explorar a ignorância e o medo de seus eleitores é justamente o que esses políticos fazem de melhor e o que os levou tão longe. Essa gente sabe muito bem que nunca existiu um kit gay nas escolas e que os museus não são antros de pedofilia, mas fabricou esses fantasmas para enfraquecer o PT e a classe artística e abrir caminho para controlar as escolas e a cultura. Não há porque achar que deixarão de fabricar esse tipo de factóide agora que foram eleitos, pelo contrário. É importante manter o povo distraído com histórias de doutrinação marxista nas escolas ou debatendo se Haddad perdeu ou não uma Bíblia enquanto o governo vai ao que interessa, que é a implantação do programa de governo ultraliberal de Paulo Guedes, sobre o qual até agora se sabe muito pouco.

Um dos poucos analistas que vi apontar como Bolsonaro e seu pelotão são muito mais inteligentes do que as ideias que defendem foi Piero Leirner, professor da Universidade Federal de São Carlos e especialista em estratégia militar, em entrevista à Folha de S. Paulo e El País. Leirner defende que as confusões e desentendimentos entre Bolsonaro, seu vice e seu economista fazem parte de uma estratégia deliberada para confundir pessoas, instituições e imprensas, que só vão entender o que está acontecendo e para onde a coisa está caminhando ao ouvir um pronunciamento do Capitão Bolsonaro, que “reaparece como elemento de restauração da ordem, com discurso que apela a valores universais e etéreos: força, religião, família, hierarquia”.

Há cada vez mais indícios de que Bolsonaro não é um Forrest Gump/Mr. Deeds do mal que chegou ao poder num momento triste da nação, mas alguém perfeitamente alinhado com forças externas poderosas. Os tweets calorosos com que Donald Trump e Benjamin Netanyahu saudaram Bolsonaro parecem indicar algo nesse sentido. As entrevistas do Goebbels de Trump, Steve Bannon, que retratam Bolsonaro como representante de um novo movimento direitista mundial, alinhado aos EUA e contrário à China, também.

Bom, e o que vem agora? Nada de bom, é certo. Mesmo que o governo Bolsonaro respeite a Constituição, sem recorrer a qualquer rompimento institucional ostensivo, há outras formas de torturar horrivelmente a democracia brasileira. Há muitas atrocidades que governantes podem cometer mesmo dentro dos limites da democracia formal. Donald Trump conseguiu proibir a entrada de imigrantes muçulmanos nos EUA com base em discriminação religiosa, ainda que não oficial, e também foi capaz de separar milhares de crianças pequenas de seus pais, um crime digno das piores ditaduras, e tudo isso dentro dos marcos legais da maior democracia do mundo.

Por aqui, então, os limites são mais largos ainda. Dentro da democracia bra-

sileira cabem crimes como a execução sumária de 111 presos no Carandiru, em 1993, que até hoje permanece impune. Também cabe o que o governo tucano fez em maio de 2006, quando policiais e grupos de extermínio mataram 493 pessoas em dez dias, mais do que a ditadura militar em 20 anos — e nem por isso alguém disse que o Brasil teria deixado de ser uma democracia.

Seguindo nessa linha, dá para imaginar que o governo Bolsonaro consiga limitar boa parte do que resta de democracia no Brasil sem precisar rasgar a Constituição que jurou defender.

Censura e perseguição a jornalistas? Hoje nenhum governo precisa mais instalar censores pagos dentro das redações, um expediente caro e trabalhoso. A internet está repleta de censores, tanto robôs quanto gente de carne, osso e ódio, prontos para atacar jornalistas que Mestre Bolsonaro decreta serem desonestos e produtores de fake news. A técnica de linchamento virtual, que é especialmente covarde por se voltar menos às empresas e mais às pessoas físicas dos jornalistas, incluindo seus familiares, é algo que foi aprimorada à perfeição nos últimos anos, especialmente por grupos ligados ao Movimento Brasil Livre. Na prefeitura, João Doria beneficiou-se quando essa rede atacou uma repórter da rádio CBN que denunciou o uso de jatos d'água por funcionários municipais contra moradores de rua. A mesma técnica foi usada contra os jornalistas de empresas de fact-checking que foram contratadas pelo Facebook para um projeto de combate a fake news: vários desses profissionais, bem como seus familiares, foram perseguidos exaustivamente nas redes. E o que falar da Folha de S.Paulo? A repórter Patrícia de Campos Mello, autora da principal denúncia contra Bolsonaro, teve o celular hackeado e o jornal precisou pedir proteção à Polícia Federal. Com exércitos virtuais assim, ninguém precisa dos poucos, caros e lentos burocratas da velha Censura Federal.

Vigilância sobre o trabalho de professores? Ninguém precisa mais de agentes disfarçados como estudantes em salas de aula e fazendo relatórios aos órgãos de vigilância. A perseguição macarthista passará a ser feita, de graça, pelos próprios estudantes, agora convertidos em legítimos agentes da repressão. Quem precisa de Dops quando os próprios donos e reitores de escolas e universidades vão assumir o papel de pressionar os professores para que evitem falar de temas incômodos?

Censurar artistas? De novo, é desnecessário. Como Roger Waters e, principalmente, Marília Mendonça aprenderam, a nova censura cidadã já é poderosa o bastante.

Execução de inimigos e desafetos do governo? Sim, as polícias certamente ajudarão muito nesse serviço. Mas não dá para esquecer do papel das “pessoas comuns”, que, mesmo sem cargo público, vão se dedicar a matar LGBTs, negros e gays em nome do seu presidente — desde o primeiro turno, já foram oito mortes praticadas em nome de Bolsonaro, segundo o Mapa da Violência Política do Opera Mundi.

Não estamos em 1964. Estamos mesmo em 2018. E isso pode ser até pior.

Fausto Salvadori formou-se em Jornalismo pela Unesp em 1999. Trabalhou como repórter em sites, revistas e jornais como Vice, Trip, TPM, Revista Adusp, Galileu, Folha.com, Agora SP, Jornal da Tarde, Metro, Revista Joyce Pascowitch e Criativa, entre outros. Durante alguns anos, manteve o blog Boteco Sujo. Desde 2008, é jornalista concursado da Câmara Municipal de São Paulo, onde trabalha como repórter da revista Apartes. Em 2013, recebeu Menção Honrosa no Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos, na categoria impresso, pela reportagem “Em busca da verdade”, publicada na Apartes.

AULA 1

por Felipe Marcondes da Costa

Aula 1: diferença entre direitos humanos e comunismo

Escrevo este texto pra ser lido num país diferente do que foi concebido

Num país diferente do que nega e não renega a escravidão

Diferente do que nega e não renega a ditadura

Um país que não nega e exalta a tortura

Escrevo este texto porque sei que existem Marielles Herzogs Dandaras

E porque existem Felipes

Escrevo este texto porque estou sempre só

E quando estou com alguém é que estou mais só

Ninguém está mais só do que alguém que está cercado

E que no centro do cerco recebe atenção raivosa

Estou cercado por escravidão ditadura tortura

E agora o cerco se fecha

Estou inteiro partido Marielle Herzog Dandara não estão só

Estou repartido inteiro

O cerco continua se fechando e eu ainda sei que existe história

Escrevo este texto pra ser recebido num país diferente do que me recebeu.

Felipe Marcondes da Costa é escritor e publicou Rezar é Juntar Palavras com Força pelo Dulcinéia Catadora.

A CINCUENTA AÑOS DEL 68

por Félix García

El 68 en México no está circunscrito a un año sino a una época que comienza el 23 de mayo de 1952 con el asesinato de Rubén Jaramillo en Xochicalco, Morelos; así como a nivel internacional el 68 comienza el 9 de octubre de 1967 con el asesinato de Ernesto Guevara de la Serna, el Che, en Bolivia.

El 68 es la aspiración de los jóvenes contra la acumulación de acontecimientos que dejaban ver a un estado antidemocrático, represor y autoritario, cómplice de los terratenientes y dueños del dinero que se enriquecían con el trabajo de los obreros y de los campesinos. Era una vuelta a la izquierda, como se puede apreciar claramente en el libro de Daniel Cohn-Bendit: El izquierdismo, remedio a la enfermedad senil del comunismo donde estaba parafraseando e invertía el sentido de una famosa obra de Lenin: El izquierdismo, enfermedad infantil del comunismo. Los defectos, peligros y desviaciones del radicalismo izquierdista que el dirigente bolchevique criticara en los primeros años tras el triunfo de la revolución de octubre en 1917, eran ahora reivindicados por unos jóvenes desencantados de los excesos del capitalismo convertido en imperialismo, de la burocracia de los partidos comunistas, del revisionismo del régimen soviético y de la represión imperante en todos los niveles sociales.

Si hay un año en el siglo XX que pueda significar la síntesis de lo que fue la centuria, es el 68. Una serie de eventos que acontecen en ese año, algunos como resultado de cierta acumulación histórica, otros que serán causa de efectos posteriores, y otros que son expresión y síntoma de las hondas contradicciones del siglo, son el impacto generacional del espíritu del 68. Un espíritu que trastocaba los convencionalismos y los valores que atesoraba una sociedad conservadora, restrictiva y violenta, uncida a una vieja estructura religiosa y dogmática.

Sartre lo registró muy bien: “Hay algo que ha surgido de ustedes que asombra, que trastorna, que reniega de todo lo que ha hecho de nuestra sociedad lo que ella es. Se trata de lo que yo llamaría la expansión del campo de lo posible. No renuncien a eso”.

1968 fue el florecimiento de los ideales revolucionarios de 1910-1920, los estudiantes se revelaron en Estados Unidos, México, Uruguay, Brasil, Polonia, Checoslovaquia, Yugoslavia, Irlanda, Francia, Italia y en todos los países en que eso sucedió hubo cambios importantes. Los hippies, los hippies auténticos, que en realidad eran una pequeña minoría, fueron la avanzada de una generación que trastocaba los valores conservadores y promovía la espontaneidad, el rechazo a las normas sociales y los convencionalismos, el amor libre, el pacifismo, el respeto a la naturaleza, el regreso a la vida simple, el uso de drogas y la creatividad artística.

Esa fuerza de transformación llegaba al pueblo que se organizaba: los estudiantes, los obreros, los mineros, los médicos, los campesinos, las amas de casa. Únete, pueblo, título de uno de los documentales de Óscar Menéndez, es el grito

emblemático de la época porque sólo un pueblo organizado puede defender sus derechos, puede reclamarlos y exigir justicia y democracia. Aunque también un pueblo organizado se hace responsable de sí mismo y se convierte en blanco de los ataques del aparato militar y los guardianes del “orden” al servicio del estado, pero nada teme porque tiene la fuerza del poder popular.

Un recuento de los acontecimientos de 1968, dejan ver con claridad, a cincuenta años de distancia, la frescura de los jóvenes frente al conservadurismo de los estados nacionales.

El 5 de enero de 1968 comienza la Primavera de Praga.

El 2 de febrero en Paraguay, el dictador Stroessner es elegido presidente en elecciones fraudulentas.

El 13 de febrero aviones estadounidenses tipo B-52, atacan barrios periféricos de Saigón, Vietnam.

El 16 de marzo es la matanza de My Lai, Vietnam.

El 22 de marzo en Francia se inicia el movimiento que luego será el Mayo Francés con huelgas, manifestaciones y ocupaciones.

El 4 de abril en Memphis es asesinado Martin Luther King.

El 26 de abril, en un pozo artificial a 1161 metros bajo tierra, en el sitio de pruebas atómicas de Nevada, Estados Unidos detona su bomba atómica no. 556, Boxcar, de 1300 kilotones. Estados Unidos detonó 1132 bombas atómicas de 1945 a 1992.

El 5 de junio es asesinado Robert F Kennedy en los Ángeles, California.

El 21 de junio, el magisterio nacional de El Salvador se proclama en huelga.

El 1 de agosto, se crea el Consejo Nacional de Huelga (CNH) formado por maestros y estudiantes de la UNAM, el IPN, las escuelas normales, el Colegio de México, Chapingo, la Universidad Iberoamericana, el Colegio La Salle y algunas universidades estatales.

El 12 de agosto en Montevideo, Uruguay, la policía abre fuego contra una manifestación de estudiantes universitarios.

El 20 de agosto, tropas soviéticas con 200000 soldados y 5000 tanques invaden Checoslovaquia.

El 26 de agosto, durante la Convención Nacional Demócrata hay manifestaciones en los Estados Unidos contra la guerra de Vietnam.

El 2 de octubre en México, el ejército abre fuego contra un enorme grupo de estudiantes en Tlatelolco.

A 10 años de trabajo de La Cartonera, en la ciudad de Cuernavaca, Morelos, México, se publica un libro conmemorativo: Memoria del 68, que recopila textos de varios autores y fotogramas de los documentales de Óscar Menéndez: 2 de octubre,

El 68 significa una afortunada conjunción entre el trabajo asiduo y creativo y el anhelo de formar un hombre nuevo, una sociedad nueva, un mundo nuevo.

Ciudad de México, 2001

A EDUCAÇÃO VAI PARA O ESPAÇO

por Ivana Bentes

Depois de ter proposto educação a distância para crianças, a proposta de Bolsonaro é que o ministério da educação perca a gestão do ensino superior para o Ministério da Ciência e Tecnologia. Ou seja, todo o ensino universitário e o campo das ciências humanas, artes, letras, etc. gerido por um Tenente-Coronel ASTRONAUTA, Marcos Pontes, engenheiro formado no ITA. Na prática é o início do fim do MEC.

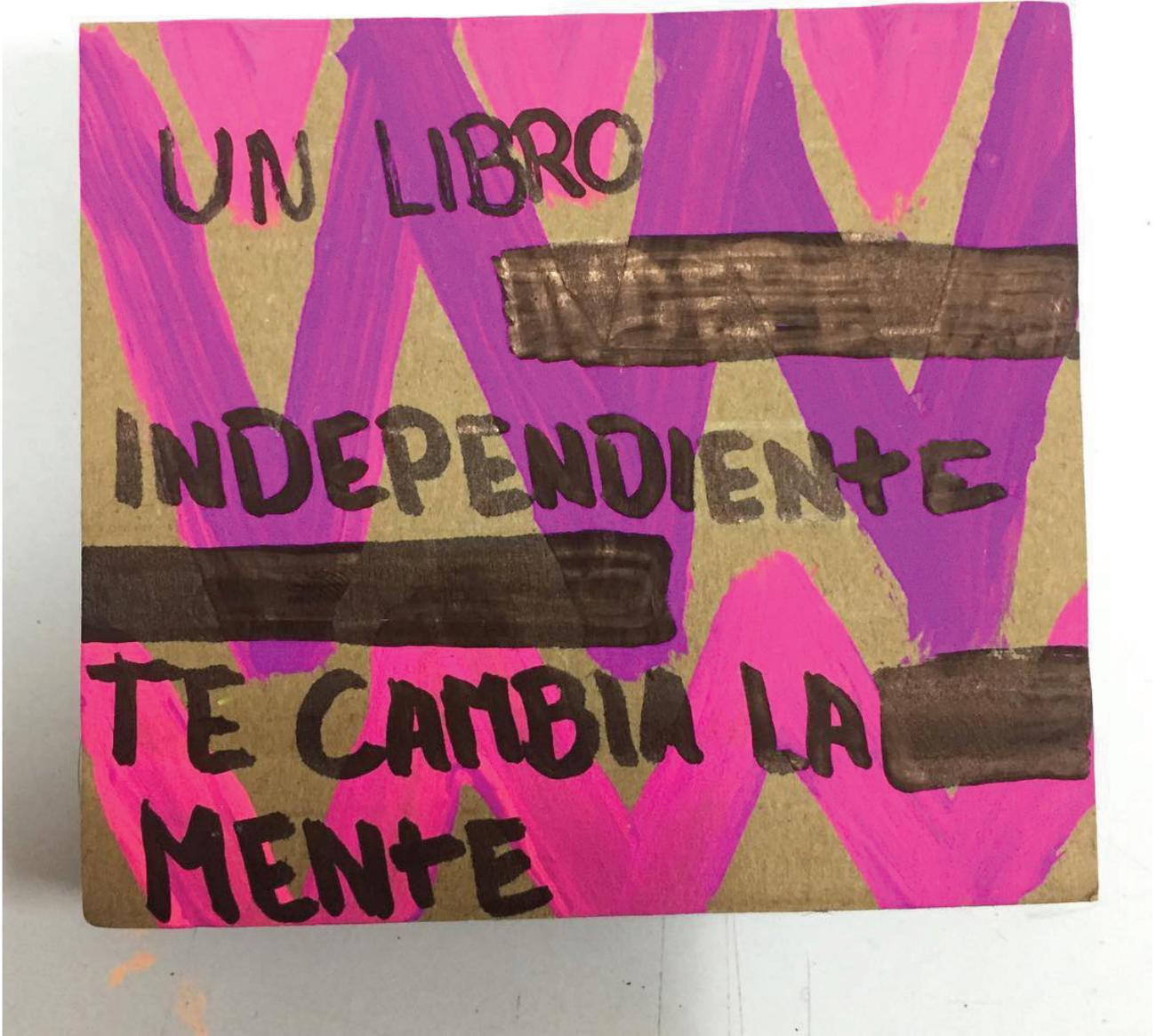
Na área educacional, o Ministério da Educação deve perder a responsabilidade pelo ensino superior, que seria transferido para o Ministério de Ciência e Tecnologia.

O primeiro e único brasileiro a ter voado para o espaço pode desmontar e mandar para o espaço um dos maiores e mais estratégicos Ministérios do Brasil: o MEC.

A educação pública no Brasil e o campo cultural são os dois maiores campos visados pelo ódio e desmonte (vide Temer) porque disputam as ideias, a visão de mundo, quebram dogmas e produzem resistência de forma imediata e a longo prazo. Mas são campos resilientes, capazes de fazer muito com pouco.

Os campi universitários estão fincados sobre o que temos de mais sólido para resistir: pensamento, juventude, autonomia, liberdade e coragem. Serão erros e decisões exdrúxulas uma após a outra. Veremos como um governo se manterá assim.

Ivana Bentes foi secretária de Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura. É professora, curadora e pesquisadora acadêmica, atua na área de comunicação e cultura, foi diretora da Escola de Comunicação da UFRJ.



MANIFESTO HERZOG VIVE!

por Judeus pela democracia

Zakhor [pronuncia-se "za-ror"], em hebraico bíblico, significa “lembre-se”. Na forma imperativa. Uma ordem divina recorrente na Bíblia, a Torá, o livro sagrado para o povo judeu. Uma forma específica de se relacionar com o passado, que marca há milênios a experiência judaica. Mas lembrar-se do quê?

Em Pessach, a Páscoa judaica, lembramos da saída do Egito, quando os hebreus escaparam da escravidão imposta pelos faraós. Durante o jantar, lemos em voz alta: “por amor à nossa redenção, pronunciamos em conjunto as palavras que desde a Antiguidade nos unem com nosso próprio povo e com todos os necessitados, com os presos em injusto cativeiro e com o mendigo nas ruas. Pois nossa redenção é vinculada à libertação de pessoas presas em todos os recantos da terra”.

Zakhor, “lembre-se”, cria uma relação intrínseca com o presente. Zakhor é sentir como se cada um, aqui, fosse um escravo fugido do Egito. Cada um aqui deve lembrar para sentir. Sentir a dor de ser perseguido, oprimido, desrespeitado, anulado. Por sermos judeus, por sermos negros, pobres, LGBTs, mulheres, indígenas. Que a memória das injustiças no passado seja sempre o motor da luta contra as injustiças no presente. Enquanto judias e judeus, portanto, torna-se impossível relevar quando um candidato à Presidência da República vocifera contra minorias, propõe o armamento massivo do país e elogia os torturadores da ditadura.

Lembremos que, além das vítimas diretas da ditadura, o trauma da violência atravessa gerações. Quando era apenas um bebê, de 1 ano e 8 meses, Carlos Alexandre de Azevedo foi torturado na frente de sua mãe pelo Coronel Carlos Brilhante Ustra. Aquele bebê, já adulto, suicidou-se em 2013. Para Jair Bolsonaro, Ustra é um herói. Eduardo Bolsonaro, seu filho, eleito deputado federal, celebra, estampado na própria camiseta, o rosto de um homem que torturou bebês. Com ela circula pelos corredores da Câmara dos Deputados. É inadmissível. É ultrajante. É criminoso.

É inadmissível incitar a violência contra qualquer grupo da população: isso transgride o pilar da democracia. Neste momento de crise econômica e de caça a bodes expiatórios, os primeiros corpos atacados pelo ódio, não por acaso, são os mesmos que, há 27 anos, são alvo do discurso violento de Bolsonaro: as minorias, a mulher, o negro, o homossexual, o transgênero. Bolsonaro construiu toda sua carreira política com base na intolerância. É inadmissível eximi-lo de responsabilidade pelas violências que estão sendo cometidas hoje em seu nome. Môa do Katendê foi assassinado na Bahia. Suásticas proliferam-se pelos muros, portas e nos corpos. Quem faz da violência um exemplo não merece ocupar posições de poder em uma democracia. A humanidade já viveu mais de uma vez as consequências do ódio no poder. Nunca mais.

Esse ato é organizado por judeus e judias que se preocupam com o atual cenário político. Em um momento em que a memória dos campos de concentração, da ditadura e da tortura parecem tão distantes, em que torturadores são elogiados por políticos e aplaudidos por parte da população, zakhor, “lembre-se”, converte-se em um verdadeiro compromisso político. Lembre-se da memória das vítimas do nazismo: judeus, ciganos e homossexuais. Lembre-se da memória das vítimas da ditadura. Lembre-se daqueles que foram assassinados e torturados por suas ideias e compromissos com os direitos humanos. Lembre-se de Vladimir Herzog, o Vlado, jornalista, professor e dramaturgo brasileiro.

Judeu, nascido em 1937 na então Iugoslávia, sua família imigrou para o Brasil nos anos 40 fugindo do nazismo. Foi diretor da TV Cultura e defensor dos direitos humanos e da democracia. Foi preso, torturado e assassinado pela ditadura civil-militar no dia 25 de outubro de 1975. Foi ontem... mas parece que poderia ser amanhã.

Amanhã completam-se 43 anos de sua morte.

Hoje, somos todas e todos Herzog.

Somos judias e judeus que morreram na luta contra a ditadura.

Somos Lara Lavelberg,
Somos Ana Rosa Kucinski,
Somos Maurício Grabois,
Somos André Grabois,
Somos Chael Schreier,
Somos Gelson Reicher,
Somos Pauline Reichstul,
Somos José Roberto Spiegner,

Somos elas e eles,
Judeus e não-judeus,
Mulheres e homens,
Negros e brancos,
Indígenas e não-indígenas,
Homossexuais e heterossexuais,
Transgêneros e cisgêneros.
Somos aquelas e aqueles que morreram por defender ideais de liberdade.

Hoje, assistimos atônitos a possibilidade de volta do autoritarismo;
Hoje, estamos mobilizados contra as falas de ódio, que elogiam a tortura, que promovem a homofobia, o racismo, o machismo e a misoginia;
Hoje, nos opomos à militarização como projeto de governo;
Hoje, lutamos por uma sociedade mais justa.

Somos Marielle Franco,
Somos Mãa do Katendê.

Hoje, lembre-se!
Somos Herzog.

Herzog? Presente!

Judeus pela democracia São Paulo Esse grupo nasceu de uma frente democrática durante as eleições de 2018 na organização de um ato em homenagem ao Vladimir Herzog e a todas as pessoas que ele representa. Reúne judias e judeus, a maioria residente em São Paulo. Somos um agenciamento coletivo, horizontal e autônomo. Não buscamos uma representatividade institucional. No entanto, pretendemos criar um novo espaço de diálogo dentro e fora da Comunidade Judaica brasileira.

COMÚN (SIN ISMO)

por Marina Garcés

Las instituciones se agrietan y nosotros ya corremos a salvarlas del desastre y a pensar como renovarlas. Extraño, si pensamos en tantos años de crítica anti-institucional, del 68 hasta ahora. Pero normal, si recordamos que algo de lo que tiene que ver con las instituciones que ahora caen también era nuestro, aunque nos hayan sido expropiadas.

(...)

“Una balsa ya sabéis cómo está hecha: hay unos troncos de madera atados entre ellos de tal manera que quedan bastante holgados; así, cuando les caen encima montañas de agua, el agua pasa a través de los troncos separados. Por eso una balsa no es un barco. Dicho de otra manera: nosotros no retenemos las preguntas. Nuestra libertad relativa proviene de esta estructura rudimentaria y yo creo que quienes la concibieron -me refiero a la balsa- lo hicieron tan bien como pudieron, cuando de hecho no estaban en condiciones de construir una embarcación. Cuando llueven los interrogantes, nosotros no cerramos filas -no juntamos los troncos- para constituir una plataforma bien concertada. Todo lo contrario. Del proyecto sólo retenemos lo que nos vincula a él. Podéis ver aquí la importancia primordial de los vínculos y la atadura, así como de la distancia que los troncos pueden tener entre sí. El vínculo debe ser lo suficientemente holgado pero que no se suelte”. Vínculo y separación. Estructura y fragilidad. Superficie de navegación por encima y por debajo de la línea de flotación. Supervivencia y temporalidad. La balsa es la imagen viva de una colección de paradojas muy simples en las que se pone en juego la vida del naufrago. Nuestro naufragio no apunta, quizás, a la supervivencia de cada uno de nosotros, pero sí a la dignidad de nuestra vida colectiva, dentro y fuera de nuestras fronteras, de las que ni ríos ni mares conocen ni quieren saber los contornos. El texto, a pesar de su carácter metafórico, es bastante explícito:

* Nuestra libertad relativa depende de esta estructura. Libre no es quien se lanza a mar abierto sino quien es capaz de elaborar el dispositivo y las relaciones necesarias para dejar la orilla sin ahogarse.

* La balsa es una tecnología rudimentaria, reapropiable y replicable que se construye allí donde se necesita y según el medio en que se hace imprescindible. En su simplicidad, al alcance de cualquiera, se juega el todo o nada de la navegación.

* El agua pasa a través de los troncos separados. No cerramos filas ni retenemos las preguntas. Cuanto más rígido es un barco, más fácilmente se rompe. La fuerza de la balsa está en el modo en que se deja atravesar sin perder su esqueleto mínimo.

* Los troncos están ligados de modo que queden holgados. Sólo así no se sueltan. El vínculo es la separación. La mejor proximidad, la distancia que deja

acompañar libremente el movimiento a cada componente.

* Del proyecto sólo retenemos lo que nos vincula a él. Las balsas se construyen y se usan para salvarse, para desplazarse y para llegar a nuevas orillas, pero luego se abandonan. Nadie se queda en una balsa para siempre. Abandonadas cuando ya no hacen servicio, los lazos se deshacen y los troncos vuelven a tierra. La balsa es la paradoja que rompe la falsa dicotomía: o en tierra, reparando las murallas del castillo o abandonados con el cuerpo desnudo en medio del mar. Entre las grietas de fronteras, murallas y zonas vigiladas ya se cuele el agua. Una nueva institucionalidad-balsa es aquella que hoy nos debe permitir atravesar los escombros de las instituciones existentes, para ir más allá, recomponiendo , religando los troncos de lo que ya era nuestro.

BRASIL: UNA ADVERTENCIA PARA TODES

por Marta Dillon

Brasil es advertencia para todes, para los feminismos es alerta y llamado a renovar la acción. Hoy nos abrazamos fuerte para que la tormenta no arrase con la casa feminista que queremos abrir. Y enseguida volveremos a tramar en torno a las ollas y los calderos, ahí donde lo común es espacio abierto y colectivo, resistencia contra toda opresión.

El mundo es un lugar peor desde ayer. Nuestra América es peor, la amenaza es abierta, desembozada. La concordancia entre las manifestaciones contra la ley de Educación Sexual Integral en nuestro país y el triunfo de Bolsonaro en Brasil nos quitan el aire alrededor, se parecen a la asfixia. No son comparables ambos hechos, Bolsonaro ya es presidente y su discurso inaugural extiende como un telón negro la promesa de una paz que proclama igual a la que habita en los cementerios: habla de libertad pero augura persecución, nombra a la Constitución pero su fidelidad es para el dios al que le reza antes de dar el discurso de la victoria. Y como telón de fondo, la violencia social que se ampara desde el poder, ahora máximo poder en Brasil: desde la primera vuelta electoral los crímenes de odio se sucedieron con el susurro en el oído de los perpetradores de las medidas ya anunciadas por el nuevo presidente. Más armas a la población civil, más poder a la policía, avanzar contra el fantasma de la “ideología de género” en las escuelas que no es más que una caza de brujas contra los feminismos y las disidencias sexuales, acabar con la devolución de tierras para los pueblos indígenas. La amenaza es más que eso, es miedo contante sin metáfora, es reconocer que millones de personas –sí, millones– tienen deseos de exterminio sobre nuestros cuerpos, nuestras subjetividades, nuestro deseo de libertad, de acabar con la opresión que implica lo mismo que ahora se festeja: una economía para nuestros cuerpos y sensibilidades que ordena silencio y puertas y ventanas cerradas, esfuerzo individual y desprecio por el otro, las otras, les otros.

No es lo mismo el dolor Brasil que pone a circular abrazos virtuales, refugios amorosos que cruzan fronteras, la constatación de que se puede volver a sentir miedo y no sólo al futuro o a no poder pagar la cuenta de luz, que ya es suficiente. No es lo mismo Bolsonaro presidente y el fascismo sin máscaras en la presidencia que los grupos antiderechos juntándose en plazas de diferentes ciudades del país. Pero ese deseo fascista que ponen en juego, esas mujeres rubias que son sus voceras, el reclamo de propiedad sobre sus hijes en contra de sus propios derechos también hablan de la corriente gélida de la derecha que avanza para reponer un orden que es exterminio de la libertad.

Los feminismos son la fuerza que viene reaccionando y creando movilización y trama común contra el fascismo. Disputamos un mundo otro, otra manera de habitarlo, nos enlazamos con la revuelta contra todas las opresiones: el racismo, la xenofobia, el odio a las disidencias sexuales. Contra el encierro doméstico donde la violencia pretende disciplinarnos abrimos nuestras casas, hacemos de las ollas

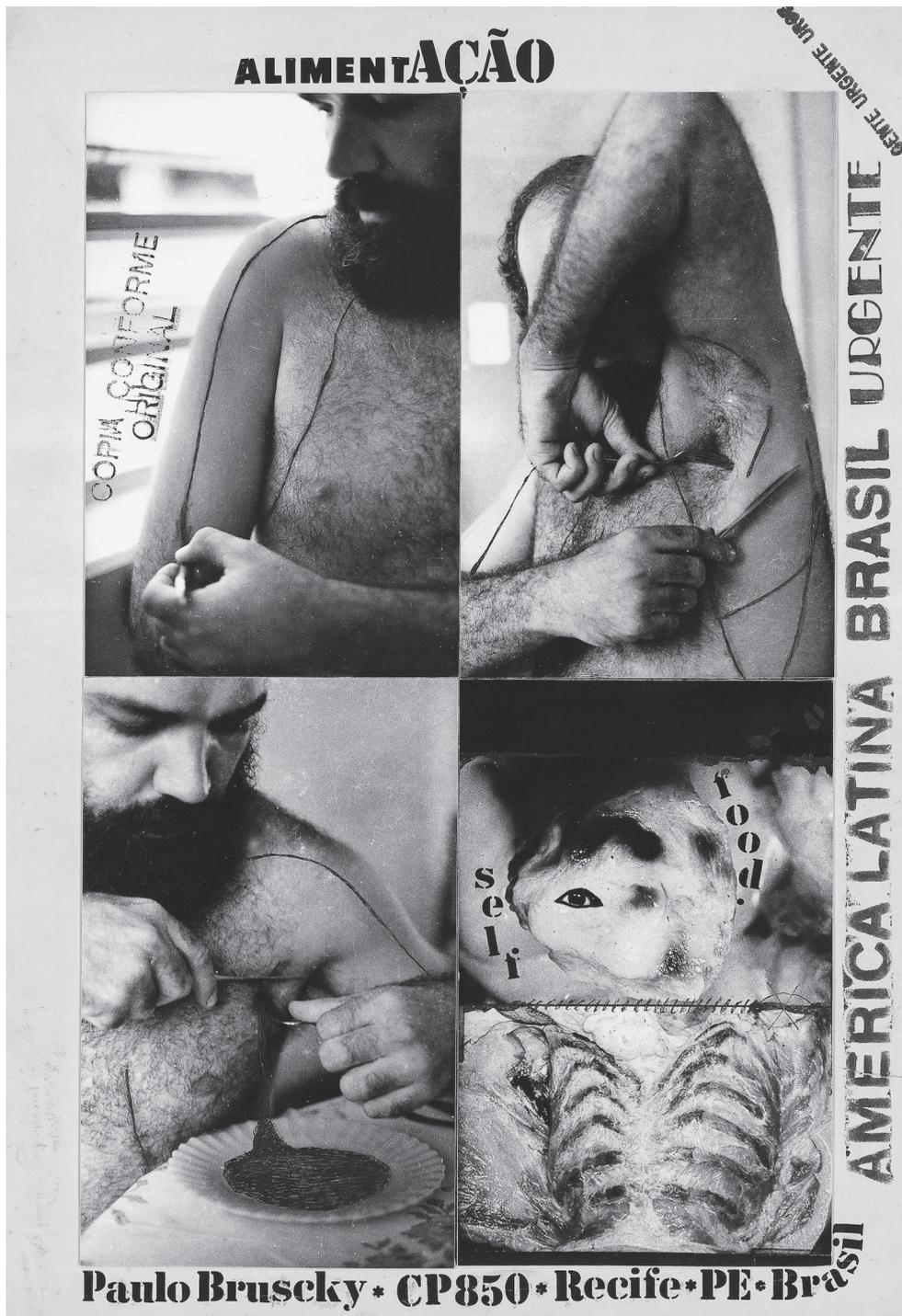
populares lugar común; de los deseos diversos campos de experimentación de otros vínculos. No aceptamos la culpabilización que dice que la movilización feminista es responsable de la virulencia de la reacción. Pero es imposible no leer el pánico moral y hasta el desequilibrio económico que puede generar nuestra revuelta. Este resultado en Brasil también habla de esto, de cómo disciplinar una fuerza que se viene acumulando contra la acumulación capitalista que necesita a las mujeres en sus casas y a los deseos anestesiados para seguir consumando la extracción de la dignidad de la vida.

La última semana, en Brasil, la oposición al futuro gobierno se despabiló, salieron militantes a disputar votos cuerpo a cuerpo. Algo se ganó en estos últimos días, dicen, tal vez la certeza de que es necesario construir fuerza transversal para poner límites a la amenaza que empezó a cumplirse. Ojalá el tiempo esté a favor de los pequeños, como decía la canción. Aunque quiénes serán los pequeños en esta historia si las iglesias cosechan votos para el fascismo en los territorios más despojados. Los feminismos tienen la responsabilidad de disputar ahí, en esos terrenos, los vulnerados y también en el de la espiritualidad. Porque no podemos dejarnos expropiar ni la vida ni la libertad.

Brasil es advertencia para todes, para los feminismos es alerta y llamado a renovar la acción. Hoy nos abrazamos fuerte para que la tormenta no arrase con la casa feminista que queremos abrir. Y enseguida volveremos a tramar en torno a las ollas y los calderos, ahí donde lo común es espacio abierto y colectivo, resistencia contra toda opresión.

Página 12, 29 de outubro de 2018

Marta Dillon (Buenos Aires, 1966)¹ es una periodista y activista argentina.² Es editora del suplemento feminista Las 12, del diario Página/12, y más tarde creadora y editora del suplemento LGT-BQ Soy, en el mismo diario.



Paulo Bruscky é artista visual e publicou por Dulcinéia Catadora "Um Livro para Desvendar Mistérios", em 2011.

O QUE SERIA DE NÓS SE NÃO FOSSE A POESIA?

por Taís Barreto Borges

Certa vez, compôs Milton – “De onde vem essa coisa tão crua / que me acorda e me põe no meio da rua? / [...] É Seu Francisco, boné e cachimbo, / me ensinando que a luta é mesmo comigo”.

O que seria de nós se não fosse a poesia? Pergunto eu, agora.

A poesia é uma das nossas grandes formas de expressão e luta. Ela também pode ser bela, sim; pode ser fluida, sim; pode ser feita por aliterações e assonâncias; preservar a forma, mas não o conteúdo. Mas, acima de tudo, a poesia precisa ser política – e, especialmente num momento de crise social como o que as brasileiras e brasileiros vivem, a neutralidade não é, e nunca será, uma opção.

Milton Nascimento, Chico Buarque, Elis Regina, Caetano Veloso, Tom Jobim, Gal Costa, Lô Borges, Beto Guedes, Ney Matogrosso - grandes nomes da música e da oposição durante a época da ditadura militar do Brasil. Foi há 30 anos, mas, assim como discursado por Guilherme Boulos, nunca estivemos tão perto. E a ameaça fascista, por mais triste, por mais absurda, por mais inimaginável que seja, nunca foi tão real e tão grave.

Será mesmo que a história está prestes a se repetir?

O neofascismo está em ascensão, não só no Brasil, mas nas Américas e no mundo. Discursos de ódio e as mais diversas formas de preconceito e violência física, moral, psicológica e verbal têm sido legitimadas através dos discursos da liderança (e agora futuro presidente) de extrema direita do candidato Jair Bolsonaro (PSL). Desde o primeiro turno das eleições para a presidência do país, a todo momento, temos sido bombardeados por notícias sobre as mais diversas formas de agressão – dentre essas, uma das mais marcantes foi em Salvador, onde o mestre de capoeira Moa do Katendê, por fazer oposição ao candidato do PSL, numa discussão de bar, foi assassinado a facadas.

MOA PRESENTE!

Jair não vai bater em mulher, em negro, em LGBTQ+, mas seu discurso vai legitimar aqueles que o fazem dentro de casa, na surdina, a continuar fazendo isso, e, dessa vez, descaradamente, às mostras, no meio da rua, porque o fascismo está à solta. É uma realidade cada vez mais escancarada, mas que infelizmente são muitos os que, ainda, não são capazes de ver - aqueles que trabalham de segunda a segunda, chegam em casa às dez da noite todos os dias, recebem pouco mais do que o suficiente para sobreviver e não têm tempo e disposição necessários para ler um noticiário crítico que os ajude a se informar sobre tudo o que a grande mídia voltada para a massa trabalhadora omite, porque estão preocupados demais com a comida que vão por na mesa e a conta de luz que está atrasada.

Minhas próprias amigas e amigos – mulheres, negros e negras, LGBTQ+, periféricos – estão com medo de saírem na rua, medo de serem abordados por desconhecidos, medo de andarem sozinhos à noite, medo de apanharem pelo simples fato de serem quem são, medo de se manifestarem contra toda forma de opressão

e serem oprimidos.

Medo é a palavra de ordem da vez.

Apesar da desesperança, da angústia, da apreensão, sentimentos reinantes nas últimas semanas, nós somos fortes. Dizem que nós, os reprimidos, somos “as minorias”, mas a realidade diz o contrário. Todos os tipos de piadas, ridicularizações, inferiorizações, agressões morais, verbais e até físicas, preconceitos cotidianos que nós, os reprimidos, fomos sujeitos a nossa vida inteira, serviram nada mais do que para nos fortalecer. Individualmente, talvez não saibamos da potência que contemos. Mas, de fato, nós somos maioria. E, unidos, nós vamos resistir. Por isso, pergunto ainda – o que seria de nós se não fosse a poesia?

Assim como disse Milton, “Lá vem a força, lá vem a magia, / que me incendeia o corpo de alegria. / Lá vem a santa maldita euforia, / que me alucina, me joga e me rodopia” – chegou a hora de lutar! Lutar através do corpo, mas também lutar através da palavra, esta ferramenta tão potente que temos de transformar opiniões e atingir as pessoas. Sabemos que perdemos uma batalha (a batalha do segundo turno), mas a guerra ainda não acabou. A luta pela democracia é cotidiana, porque nós, os oprimidos, estamos todos os dias nas ruas – trabalhadores, estudantes, mulheres, negras e negros, LGBTQ+, periféricos. Não vão nos calar – somos muito mais fortes do que aqueles 1% de colarinho branco que estão no poder. Estamos do lado certo da história. Jair Bolsonaro não é, e nunca será, nosso presidente. Então, repito – o que seria de nós se não fosse a poesia? RESISTÊNCIA!

Taís Barreto Borges estuda Letras na UFMG, atua no Catapoesia contribuindo nas revisões de alguns textos. Também é escritora e crítica literária. Usa fotografia como registro do cotidiano e como fonte de inspiração.

UMA CASA SOBRE A ROCHA

por Vítor Queiroz de Medeiros

O campo evangélico progressista se depara com a maior fratura que a Igreja brasileira já viveu e creio que temos acertado até aqui. Daqui em diante duas estratégias me parecem centrais: uma é o trabalho de base na educação em direitos humanos e a disputa da leitura bíblica junto do nosso povo. Outra é a de um testemunho público que seja confrontador dos crentes conservadores, pedagógico ao crente médio e empoderador do crente progressista. Público e também profético para denunciar a elite eclesiástica e as injustiças sociais e anunciar o juízo de Deus e os horizontes históricos da justiça.

A quebra do pacto democrático com um golpe, a frustração dos que ascendiam socialmente e regrediram com a crise, a indignação contra a corrupção – cuja vulgata se tornou um mantra na mídia – tudo isso parece ter resultado num forte ressentimento anti-democrático, de desconfiança e raiva da política. Um efeito disso é a autorização dos discursos e práticas de ódio – em nossas igrejas inclusive. Os instintos destrutivos até então reprimidos pelos interditos da civilização e pelo avanço da redemocratização, passam a balizar a atitude cotidiana das pessoas. O sentimento de medo pela rua e o assassinato do mestre Moa do Katendê, cometido por militante bolsonaristas, e antes disso os atentados a Marielle e à caravana de Lula, mostram não o que está por vir, mas o que já chegou.

Lição primeira: o fascismo não é eleitoral, é cotidiano. Não passa com as eleições; antes, porém, tem ancoragem social profunda. Eleição é guerra, é marketing, é pouca reflexão. Mas ninguém se torna adepto do, ou indiferente ao discurso do Bolsonaro da noite para o dia. Então a pergunta é: onde estavam os fascistas esse tempo todo? Em nossas igrejas inclusive. Dói admitir. Em um país em franca transição religiosa, cada vez mais evangélico, a esquerda brasileira conseguiu a proeza de arrogantemente desprezar a possibilidade de trabalho de base neste segmento. O fato é que a igreja sairá mais conservadora desse processo eleitoral.

Como enfrentar isso?

Por primeiro, combater o autoritarismo em nossas igrejas. O fascismo demonstra facilidade em dialogar com disposições subjetivas das massas, com os modos de pensar e agir arraigados na vida cotidiana. Tem lastro num autoritarismo que está socialmente implantado – tal como nos advertiu Paulo Sérgio Pinheiro. É verdade que nossas igrejas são relativamente mais democráticas, onde o leigo pode falar, há livre-exame e discussão das Escrituras e a autoridade pastoral pode ser contestada em algum grau. Mas é verdade também que há uma certa ordem do discurso, lógicas de exclusão, interdição e controle. Todos podem falar, mas nem tudo pode ser dito. A dúvida é quase proibida. Parece que cada um dos irmãos na escola bíblica dominical é um teólogo bem resolvido com os dogmas de sua fé. O saber teológico é semi-repartido com os fiéis, mas a última palavra ainda é monopolizada; ainda se reproduz a divisão católico-romana entre corpo e clero. Superar

essa clivagem corresponde à tarefa de defender a Palavra livre, a fala insubordinada, o direito à heresia como momento da construção do conhecimento sobre Deus, porque o Verbo não está nas alturas, está entre os homens. Seu Espírito aconselha o povo de forma conciliar, comunitária, coletiva. Deus habita onde há liberdade de expressão e diálogo. Ele está no concílio, não na cátedra.

De igual modo a pluralidade é um desafio para nós. O movimento de Bolsonaro é puro tabu e Fake News. A defesa da família, da moral e etc precisa ser enfrentada pelo campo progressista nos próximos anos. Precisamos falar de ideologia de gênero e direitos sexuais com o povo de nossas igrejas. Há uma preocupação por parte dos evangélicos progressistas em se aproximar do crente médio evitando as polêmicas. Acontece que agora elas são inevitáveis. Se respeitarmos tabus e cultivarmos a auto-censura, iremos reiterar o princípio fascista que é o do silenciamento complacente ao preconceito – que aliás, afeta muitos LGTBs que são evangélicos, assim como irmãs que optam pelo aborto e outras “minorias” que estão presentes em nossas igrejas. Assumi-las é optar pela porta estreita.

É claro que não vamos almejar um consenso teológico sobre união homoafetiva, por exemplo, até porque ele não é a contrapartida do respeito. Podemos disponibilizar aos irmãos a opção de construção da laicidade e dizer de forma didática que a atitude cristã diante da diversidade religiosa, étnica, sexual e de gênero é de respeito do direito à diferença, sem que isso custe sua opinião teológica particular. Também é importante dar prumo à disputa interna na igreja a partir da identidade de classe do trabalhador. A teologia da prosperidade, tão nefasta, expressa, convenhamos, uma indignação moral contra a miséria. Mas o faz com o sinal trocado, por vias mágicas e individualistas. Podemos oferecer aos seus adeptos um caminho ético-político para o bem estar coletivo a partir da nossa fé, em que a prosperidade seja integral e seja para todos.

Ora, um país de formação escravocrata-senhorial, sempre teve na sutileza da dominação pessoal e paternal, o esteio de sua vida política. Entre a Casa Grande e a senzala existiu sempre um abismo, a ausência de estratos médios, a incipiência de uma sociedade civil complexa com disputa de opinião associação política. Temos um espaço público diminuto, uma sociedade frágil e um Estado patrimonialista. Por mais que isso tenha mudado um tanto, por aqui toda polarização política e cultural imita esse antagonismo primário entre povo e elite; ganha feições de classe. O fascismo brasileiro, diferente da experiência italiana e alemã nos anos 30, não tem o menor compromisso com a defesa do direito do trabalhador, não é estatista; é neoliberal e entreguista. É de massas, mas tem um conteúdo de classe mais elitista que nunca. Isso precisaser esclarecido para organizar a luta: a democracia é o projeto dos de baixo e o crente quer pão.

Neste contexto, a esquerda secular deve ser solidária à desconstrução do fascismo. Repetir o chavão de que “os evangélicos são conservadores” não ajuda, só atrapalha. Essa estigmatização corrobora o discurso dos coronéis da fé que dizem representar todos os evangélicos e também invisibiliza as iniciativas progressistas nesse meio. Em vez disso, cumpre à esquerda dar visibilidade às nossas ações e abrir as portas de suas bases lotadas de crentes para que nós, os únicos que temos a linguagem adequada, façamos a sensibilização certa. Até porque nem tudo é terra arrasada. Se metade apoia Bolsonaro, a outra metade não apóia. A

outra metade afirma que Deus defende o trabalhador, o pobre, o órfão, a viúva, o imigrante; que para Deus bandido bom é bandido convertido e ressocializado; que nem tudo que julgamos pecado deve ser objeto de lei e que Deus é Amor. Além do povo disperso pelo país, um contra-ativismo emergiu à esquerda nos últimos anos: Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, Movimento Negro Evangélico, Frente Evangélica pela Legalização do Aborto, atos de “Jesus cura a homofobia” e outros.

As bancadas parlamentares também se renovaram, para o bem e para o mal. O perfil dos candidatos eleitos destoa do político tradicional, a esquerda elegeu candidatos jovens e em São Paulo conseguimos a primeira deputada estadual negra e trans ao mesmo tempo em que um descendente da decadente família imperial brasileira também foi eleito; temos um general eleito aqui para o congresso, mas temos a primeira deputada indígena da história, vinda lá de Roraima. O fascismo e o anti-fascismo crescem juntos. Há uma polarização mútua. Não há poder que não provoque resistência. Eu mesmo nunca vi tanta gente da minha família, irmãos de fé e colegas dos tempos de escola assim mobilizados como estão agora para derrotar o fascismo e preservar o direito. A Esperança é um bem por demais valioso para ser trocado por apenas uma parte da realidade.

Tão grave quanto apoiar este candidato anti-cristão, é a omissão de muitos pastores e líderes que escolhem o conforto morno da indiferença, que nauseia a Deus. Temos que pressioná-los a tomar posição.

Neste momento, a seara é grande e os ceifeiros são poucos. Nos resta sair das redes sociais e ir para o corpo-a-corpo, apresentar aos irmãos as virtudes do candidato democrático e expressar o repúdio, embasado biblicamente, ao adversário da democracia. E mais: tão grave quanto apoiar este candidato anti-cristão, é a omissão de muitos pastores e líderes que escolhem o conforto morno da indiferença, que nauseia a Deus. Temos que pressioná-los a tomar posição. Não se pode coxear entre dois pensamentos, entre dois deuses. Seja "sim, sim; não; não" - dizem as Escrituras.

À parte do resultado das urnas, venceremos. Mas saibamos vencer, construímos uma resistência e um trabalho de base sustentável, paciente e persistente, do contrário tudo será casa sobre a areia. Combater o autoritarismo, o moralismo e individualismo acumulador nas nossas igrejas é algo central para desarticular o fascismo nesse tempo histórico. É preciso dizer que o povo da Bíblia é diferente da Bancada da Bíblia e que nós estamos dispostos ao arrependimento e ao Bom Combate. É preciso dizer que o medo é um sentimento reacionário, conservador, porque nos paralisa. Antes o perfeito amor lança fora todo medo (1 Jo 4:18)

Vítor Queiroz de Medeiros é facilitador da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito em São Paulo. Publicado por Mídia Ninja em 25/10/2018

<http://midianinja.org/editorninja/uma-casa-sobre-a-rocha/?fbclid=IwAR18btWZczUHmATyjnx8h-V38h2Yos6AadH7EglSVcCgXUCyMXnRtgga4fvU>

Agradecemos a Clarissa Diniz por enviar este texto como sugestão de publicação.

temos asas, amigos

por isso eles têm tanto medo de olhar para o céu
daí suas cabeças sempre gritando e
olhando para o asfalto
daí rastejarem e se espojarem
em seu próprio ódio

eles simplesmente não as têm, amigos

— as asas, quis dizer —
e deve ser duro viver preso ao próprio chão
os dedinhos esmagados nas botas
os sapatos apertam e o horizonte
não os conforta
precisam olhar para os lados em busca
do inimigo — as asas, as asas, as asas —

seria muito, amigos, pedir compaixão?
não?
sim?

são pessoas tristes, acreditem
a despeito dos sorrisos
e dos paramentos, do aço e das babás
também sorridentes
são tristes porque lhes falta isso
de voar e engendrar universos
— entendamos seu ódio pelos pequenos deuses —

escondamos as asas, isso, escondamos

que as dobremos delicadamente, como se dobra
a embalagem do presente dado
por um irmão que morreu
acomodemos nossas asas — não percamos nenhuma pluma —
sob a camisa, usemos uma manta, um poncho talvez
eles talvez não nos descubram quando vierem à noite
talvez não nos cacem com seus instrumentos terrestres
talvez
talvez

— talvez não seja uma ideia boa, afinal —

façamos um trato: cortemos nossas asas

não se preocupem, elas não dependem de nós
após a primeira incisão haverá uma gota de sangue
no máximo
e logo haverá paz e nos misturaremos na multidão
olharemos para os lados e veremos os animais terrestres
seus gritos e sua fúria ainda lá

é possível que ainda assim nos transformem em cacos
é provável que alguns virem sonho, lembrança ou nem isso
ninguém achava que ter asas viria sem um preço, não é?

mas o que eles não suspeitam
ou se suspeitam não acreditam
ou se acreditam não acham possível
é que as asas cortadas
aliás, cada uma das centenas de plumas das milhares de asas
cada uma
posta dentro de um livro
voa

o céu ficará insuportável para eles, acreditem

como sempre foi, aliás
e não haverá espaço que pisem sem
esses livros alados
em cada pátio, cada caserna, cada sala, cada quarto
um livro alado
que nem estará lá, de verdade
será retina e assombro essa pluma de sonho

temos asas, amigos

EDITORAS PARTICIPANTES

CATAPOESIA

O projeto catapoesia iniciou-se em 2009 como uma das ações do programa leitura viva de incentivo à leitura e à escrita, realizada pela ong Trilhas da Serra – educação, cultura e cidadania. Sua primeira ação aconteceu na comunidade quilombola de mato do tição, em Jaboticatubas, Minas Gerais, numa atividade de resgate da memória com os mestres da história oral e a sua posterior documentação em livro.

DULCINÉIA CATADORA

Iniciada em 2007, após dois meses de trabalho colaborativo de Lúcia Rosa e Peterson Emboava com integrantes da eloísa cartonera durante a 27ª bienal de são paulo. Atualmente, funciona dentro da cooperativa de materiais recicláveis do Glicério, em São Paulo, e conta com a participação ativa de Andreia Emboava, Eminéia Silva Santos e Maria Dias da Costa, que trabalham diariamente na reciclagem, e Lúcia Rosa.

LA CARTONERA

Somos uma pequena editora localizada em Cuernavaca (México), totalmente independente, artesanal e artística. Não temos fins lucrativos e não recebemos apoio de nenhuma instituição. Nosso objetivo é desfrutar a literatura por meio dos atos de fazer e sentir o livro desde seu início. Nós, Dany Hurpin e Nayeli Sánchez, aqui estamos como um conselho cartonero, mas ao lado de amigos cartoneros honorários, como Cisco Jiménez e Lalo Lugo, entre outros: Efrén Galván, Victor Gochez, Victor Hugo Sánchez R., Gilda Cruz, Mafer Rejón, Lupita Arenas, Jan Bonsema e mais.

LA RUEDA CARTONERA

La rueda cartonera é uma editora de Guadalajara, México, que fabrica livros artesanalmente, reutilizando o papelão que coletamos do lixo para produzir as capas. Costurados e colados a mão, suas capas são pintadas ou trabalhadas de forma original, o que as torna um objeto de arte. As tiragens costumam ser de 150, 100, e até 50 exemplares, mas podem ser realizadas várias edições.

MARIPOSA CARTONERA

Mariposa cartonera é um coletivo artístico-editorial, iniciado em agosto de 2013, cuja proposta é publicar literatura de qualidade a baixo custo com o intuito de fazer os livros circularem, envolvendo setores fragilizados da sociedade no processo de produção, que é baseado em princípios da economia solidária, da sustentabilidade e do comércio justo. Baseado em Recife, Pernambuco, realiza várias coedições com outras editoras cartoneras no mundo, como La Sofía cartonera (Córdoba, Argentina), Malha Fina cartonera (São Paulo, Brasil), Cosette Cartonera e Kartocéros éditions (Clermont-Ferrand, França).

PENSARÉ CARTONERAS

A Pensaré teve início em Valência, Espanha, no ano de 2014, e atualmente trabalha com o objetivo de ser um “coletivo deslocado”, pois seus integrantes (Rosa, Quetzalli, Marc e Anchel Gallego) se movimentam separadamente por Valência, San Cristóbal de las casas (chiapas) e Cidade do México. A editora foi concebida como um princípio de existência e também uma aposta. Trata-se de visibilizar textos das margens nos formatos das margens. O material reciclável é tanto o recipiente – a vida do papelão – como o conteúdo – a vida dos textos. As ideias também podem ser recicláveis, viajantes e não de se apropriar. Por isso os textos são reproduzíveis, abertos, manipuláveis, segundo uma ideia já conhecida: “texto global, capa local”. O projeto nasceu de um impulso de crítica social, divulgação e interdisciplinaridade para uma prática/teórica da vida digna. Os textos são uma forma desse interesse por construir conhecimentos junto/com/para/entre os movimentos críticos do social que apostam na autonomia.

UNIVERSO CARTONEIRO

A Universo Cartoneiro é uma produtora artesanal de livros, criada em 2015 na cidade de Igarassu, Pernambuco, e compõe o Vila de Cosmos, ateliê de Edmario Jobat.

IDEALIZADORES DO ENCONTRO INTERNACIONAL CARTONERA

Alex Ungprateeb Flynn (Durham University)

Lucy Bell (University Of Surrey)

Patrick O'Hare (University Of Surrey)

Projeto produzido com o suporte das universidades de surrey e de durham, através do financiamento do Global Challenges Research Fund, e com o apoio da Arts and Humanities Research Council, Reino Unido.

Edição: Lúcia Rosa e Alex Ungprateeb Flynn
São Paulo, Brasil
novembro de 2018